

# A crise política brasileira nas páginas do *Humanité*: das denúncias de corrupção à traição dos ideais socialistas

Fábio Henrique Pereira\*

## Índice

1	A notícia como uma construção social da realidade . . .	3
2	<i>L'Humanité</i> : entre o partido e o público . . . . .	5
3	Operacionalizando a pesquisa: enquadramento e controvérsias interpretativas . . . . .	7
4	A escolha das fontes e a produção de quadros interpretativos: uma primeira abordagem do <i>corpus</i> . . . . .	10
5	Aprofundando análise: as representações veiculadas pelo <i>Humanité</i> . . . . .	13
6	Culpados e inocentes . . . . .	13
7	Conclusão . . . . .	16
8	Bibliografia . . . . .	18

---

\*Jornalista e professor, doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente cursa o doutorado-sanduiche na Université de Rennes 1 (França) com bolsa da Capes. Este trabalho foi apresentado nas Jornadas Internacionais de Jornalismo - Horizontes do Jornalismo. Porto (Portugal), 23 fev. 2006.

**Resumo:** Neste artigo analisamos a cobertura jornalística dispensada pelo cotidiano francês *l'Humanité* à crise política no Brasil. Crise desencadeada pelas denúncias de um suposto esquema de corrupção e dos pagamentos efetuados pelo Partido dos Trabalhadores (PT) a parlamentares da base aliada ao governo (escândalo do “mensalão”). Tendo como base o conceito de enquadramento e o modelo das controvérsias interpretativas, realizamos uma análise qualitativa do conteúdo publicado pelo *Humanité* entre junho e novembro de 2005. Procuramos analisar as escolhas interpretativas feitas pelos jornalistas na seleção das fontes e no tratamento das informações coletadas. Essa análise permitiu compreender como o jornal construiu uma imagem sobre crise política brasileira junto ao público.

Aos olhos da imprensa francesa, a eleição do presidente Luiz Inácio Lula foi marcada por uma forte carga simbólica. A história de um ex-metalúrgico que chega ao poder na maior nação sul-americana despertou uma mistura de fascínio e admiração junto à opinião pública. No caso da imprensa de *gauche*, essa simpatia explica-se também pelas esperanças depositadas sobre governo do Partido dos Trabalhadores (PT) no processo de renovação dos ideais de esquerda, desgastados pelo fim do socialismo real, pela crise da social democracia européia e pela emergência do pensamento único neoliberal.

Uma imagem que dificilmente se mantém intacta a partir da crise política que se instaura no Brasil em decorrência das denúncias de corrupção. No caso do nosso objeto de estudo, o cotidiano francês *l'Humanité*, essa nova situação impõe um verdadeiro dilema. Por um lado, condenar o governo do Partido dos Trabalhadores significa adotar os mesmos argumentos de uma oposição burguesa e conversadora, o que prejudicaria as pretensões de uma hegemonia política da esquerda internacional. Por outro lado, assumir a defesa do PT, poderia ser visto como uma posição

excessivamente pragmática do jornal no sentido de colocar a conquista e a manutenção do poder acima da utopia socialista e das esperanças depositadas em torno da eleição de Lula.

Nesse sentido, nos propomos a tentar compreender como o *Humanité* buscou solucionar esse dilema, à partir de um análise da cobertura realizada pelo jornal sobre a crise política no governo petista desencadeada à partir do escândalo do “mensalão”<sup>1</sup>.

Para a realização deste estudo, coletamos, entre os meses de junho e novembro de 2005, todo material publicado pelo *Humanité* referente à crise no Brasil. Numa segunda etapa descartamos notas e matérias em que assunto era tratado de forma superficial. Após o tratamento desse material, constituímos um *corpus* de 08 matérias publicadas<sup>2</sup>, ao qual submetemos uma análise qualitativa de conteúdo, operacionalizada a partir do referencial teórico-metodológico adotado.

## **1 A notícia como uma construção social da realidade**

Nosso referencial situa-se dentro da perspectiva construcionista dos estudos sobre jornalismo. Ou seja, refutamos a noção de no-

---

<sup>1</sup>No vocabulário político brasileiro, o “mensalão” se refere a um suposto esquema de pagamentos mensais feito pelo Partido dos Trabalhadores a deputados do Partido Progressista (PP) e do Partido Liberal (PL), no valor de R\$ 30 mil. O escândalo teve início após denúncias do deputado Roberto Jefferson (na época pertencente ao Partido Trabalhista Brasileiro) ao jornal Folha de São Paulo. Embora não hajam provas concretas sobre a existência do “mensalão”, as denúncias de Jefferson, mais tarde corroboradas por outras testemunhas, provocaram um crise política no governo, o que incluiu formação de uma Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI), a renúncia e a cassação de vários deputados da base aliada, dentre eles o ex-braço direito do presidente, José Dirceu. No interior do Partido dos Trabalhadores, os escândalos resultaram no afastamento do presidente José Genoíno e na convocação de novas eleições para a direção do partido. Sobre o assunto, ver “Especial Folha On-Line – CPI do mensalão em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/cpidomensalao/>

<sup>2</sup>Os arquivos estão disponíveis on-line em [www.humanite.fr](http://www.humanite.fr).

tícia como um “espelho da realidade” ou como resultado de mecanismos de distorção voluntária dos acontecimentos (Traquina, 2001)<sup>3</sup>. No nosso entendimento, a produção jornalística deve ser compreendida enquanto processo interpretativo que constrói uma realidade socialmente compartilhada, através da “rotinização da própria dinâmica social, estabilizando-a em acontecimentos-tipo, comportamentos previsíveis e erupções controladas” (Correia, 1995: 02).

Mais do que retratar um evento, o trabalho jornalístico se destina a produzir marcos interpretativos, mapas de significado capazes de “fazerem sentido”, de se relacionarem às identificações sociais e culturais do público<sup>4</sup>. “A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos desses quadros de referência de fundo constitui o processo fundamental através do qual os media tornam o mundo a que eles fazem referencia inelegível a leitores e espectadores” (Hall *et all*, 1993: 226)

Um segundo pressuposto dessa perspectiva busca compreender a produção jornalística a partir de um processo de interação social entre jornalistas, fontes de informação e sociedade (Traquina, 2001). A notícia resulta de uma combinação entre vários níveis de influência, que extrapolam a ação pessoal do jor-

<sup>3</sup>Na verdade, Traquina denomina de modelo construcionista diferentes estudos que compartilham o mesmo principio do jornalismo enquanto construção da realidade.

<sup>4</sup>Essa noção de atalhos interpretativos, já havia sido sugerida em 1922 pelo jornalista norte-americano Walter Lipmann. A teoria de Lippman teoria de sugere que, diante da complexidade do mundo social, os indivíduos se propõem a criar pseudo-ambientes, mapas ou atalhos, que seriam utilizados na compreensão da realidade. Estes mapas governariam nossas ações sobre o ambiente real. Segundo imprensa teria participaria desse processo de construção de atalhos, embora essa atuação prejudique o sistema democrático como um todo na medida em que a “analysis of news and economic basis os journalism seems to show that the newspapers necessarily and inevitable reflect, and therefore, in greater or lesser mesure, intensify, the defective organization of public opinion.” LIPMANN, Walter. ‘The Worl outside and the pictures in our heads’. In *Public Opinon*. New York, Free Press, 1922, p. 32

nalista (Sousa, 2000). Na verdade, a autonomia do produtor é sempre limitada pelas rotinas profissionais pelos constrangimentos do tempo, pelos valores notícia e pela rede de interações sociais partilhada junto a indivíduos e instituições dentro e fora das redações<sup>5</sup>.

Assim, tão importantes quanto as rotinas profissionais dos jornalistas, são as ações mobilizadas pelas fontes de informação no sentido de influenciar a agenda jornalística (Schlesiner, 1992; Molotch e Lester, 1993; Traquina, 2001; Motta, 2004) e o papel desempenhado pelos constrangimentos organizacionais na construção da notícia (Sousa, 2000). Por isso, a necessidade de conhecer melhor a posição do *Humanité* no cenário mediático francês.

## **2 *L'Humanité*: entre o partido e o público**

Para situarmos melhor o status atual do *Humanité* é preciso compreendermos como evoluiu historicamente sua posição na imprensa francesa à partir de suas relações com o Partido Comunista Francês (PCF). Fundado em 1904, por Jean Jaurès, como um jornal socialista, mas sem vinculação partidária, o *Humanité* tinha como objetivo “defender, comentar, esclarecer sua visão de mundo, mas também conduzir campanhas de informação, sustentar as lutas sindicais e fornecer ao proletariado as ferramentas necessárias para combater o patronato e o poder do capital<sup>6</sup>” (Delporte, 2004: 11).

À inauguração do jornal, segue-se uma crise financeira provocada pela baixa vendagem. Como afirma Delporte, no início do século XX, a imprensa popular, informativa e “burguesa” na

<sup>5</sup>Sobre o assunto, ver TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: Questões, teorias, histórias*. Lisboa :Vega, 1993; SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos*. Coimbra : Minerva, 2000; TRAQUINA, Nelson. *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001 : entre outros.

<sup>6</sup>Livre tradução de: “défendre, commenter, éclairer leur vision du monde, mais aussi conduire des campagnes d’information, soutenir les luttes syndicales et fournir au prolétariat les outils nécessaires pour combattre le patronat et les puissances d’argent”.

França despertava maior interesse da classe operária do que os jornais politizados de *gauche*. Assim, em 1918, enquanto o *Humanité* ainda patinava na faixa de 60, 70 mil exemplares, cotidianos como *Le Petit Journal* e *Le Petit Parisien* superavam a faixa dos 1,5 milhão de jornais vendidos.

Os problemas financeiros levam à dissolução societária do *Humanité* em 1907. A partir daí, como explica Alexandre Courban (2004), as relações entre o jornal e os comunistas evoluem de uma independência a uma identificação e, por fim, o controle direto sobre a redação em 1923. Essa etapa coincide com a cisão do Partido Socialista e a criação do PCF que passa a controlar o *Humanité*, enquanto “organe central du Parti Communiste”.

O sucesso do jornal durante Resistência – suas vendas passam de 300 mil em 1938 a 423 mil em 1945 – leva os dirigentes do *Humanité* a insistirem numa linha editorial mais politizada. Enquanto isso, as vendas declinam e o jornal torna-se cada vez mais dependente dos anúncios pagos pela União Soviética e pelas demais repúblicas socialistas. Na verdade, a influência do partido leva a uma decalagem entre o cotidiano e os seus leitores. O declínio nas vendas do jornal não só evidencia esse descolamento, mas os limites e contradições de um jornal “revolucionário”, submetido às imposições do sistema capitalista (Euno, 2004). Como explica Delporte (2004: 15), “o leitor do *Humanité* é um leitor como qualquer outro. Ele não pode se abastecer apenas de slogans ou de análises políticas: ele quer uma outra informação, de esporte, de relato, de *fait divers*; *fait divers* que é rejeitado pela equipe do jornal; contudo, ela se vê obrigada a cobri-lo, como os demais jornais, pois o espetacular vende<sup>7</sup>”.

Esta contradição se agrava a partir da década de 1990, com o crescimento do déficit financeiro do jornal e o declínio da im-

---

<sup>7</sup>Livre tradução de: “le lecteur de l’*Humanité* est aussi un lecteur comme un autre. Il ne se nourrit pas seulement de slogans ou d’analyse politique: il veut une autre information, du sport, du récit ou du fait divers; fait divers que rejette l’équipe du journal, mais qu’elle est bien obligée de couvrir, comme les autres journaux, car le spectaculaire fait vendre”.

prensa de opinião em toda a França. De acordo com Eugénie Saitta (2004), esse contexto leva a uma mudança no projeto editorial do *Humanité* a partir de 1999. Em primeiro lugar, por um movimento progressivo de desvinculação do status de “órgão do partido”. Uma segunda mudança se opera na profissionalização dos critérios de seleção dos jornalistas, que deixam de ser necessariamente ligados ao PCF. Por fim, ocorre uma renovação no projeto gráfico e a adoção de práticas predominantes na imprensa tradicional: tribunas para contribuições externas, produção de um jornalismo investigativo e de aprofundamento. “Trata-se de adquirir uma legitimidade externa (junto aos leitores) e interna (junto aos pares) que passa notadamente por uma distensão dos laços com o PCF<sup>8</sup>” (Saitta, 2004: 230).

A despeito dessas mudanças, o jornal ainda se mantém ligado ao Partido Comunista. Mesmo transformando a estrutura societária, com a introdução de acionistas externos, 40,71% do *Humanité* ainda estão nas mãos de antigos partidários (Euno, 2004). Para alguns empregados, ele ainda é visto como um veículo do Partido que ainda indica o nome do diretor do quotidiano e do diretor de redação.

Essa situação contraditória – de uma imprensa *partisan* que busca se modernizar – serve como pano de fundo para a nossa pesquisa sobre a cobertura da crise petista nas páginas do *Humanité*.

### 3 Operacionalizando a pesquisa: enquadramento e controvérsias interpretativas

Dentro de uma perspectiva construcionista do jornalismo, a noção de enquadramento (*framing*) oferece um quadro conceitual bastante apropriado à nossa proposta de trabalho. Esquemas de interpretação do mundo, os enquadramentos constroem princípios

---

<sup>8</sup> Livre tradução de : “Il s’agit d’acquérir une légitimité externe (auprès des lecteurs) et interne (auprès des pairs) qui passe notamment par le distension du lieu au PCF”.

de organização que estruturam os eventos do cotidiano e o nosso engajamento subjetivo (Goffman, 1991). Segundo Rieffel (2005: 251), adotar essa perspectiva “implica, em efeito, que os atores sociais sejam capazes de identificar e classificar os fenômenos, de se situarem em meio à selva de eventos que os envolvem e de traduzir suas aspirações sob a forma de um discurso apropriado<sup>9</sup>”.

A mídia teria papel importante na difusão de quadros hegemônicos, na medida em que privilegia determinados *framings* interpretativos e marginaliza ou exclui pontos de vista alternativos (Porto 2002). Na medida em que o discurso jornalístico se constrói em torno de um referencial social e cultural comum, esses enquadramentos teriam papel importante na produção de um consenso compartilhado. “Assim, quando os acontecimentos são ‘delimitados’ pelos media em enquadramentos de significado e interpretação, supõe-se que todos nós possuímos e sabemos igualmente como utilizar esses enquadramentos, que eles são extraídos fundamentalmente das mesmas estruturas de compreensão para todos os grupos sociais e públicos” (Hall *et all*, 1993: 227)

Para operacionalizar esse referencial teórico, adotaremos o modelo das “controvérsias interpretativas” desenvolvido por Mauro Porto (2002, 2004)<sup>10</sup>. Esse modelo enfatiza o papel dos diversos atores sociais externos (governo, partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos e associações profissionais) na mobilização de

---

<sup>9</sup>Livre tradução de : “ implique en effet que les acteurs sociaux soient à même d’identifier et de classer les phénomènes, de se repérer dans la jungle des événements qui les entourent et de leurs aspirations sous forme d’un discours approprié ”

<sup>10</sup>É possível encontrar referências a esse modelo, desenvolvido durante pesquisa de doutorado, em outros trabalhos do autor. Ver, por exemplo, PORTO, Mauro P. *Framing the world of politics: how governmental sources shape the production and the reception of TV news in Brazil*, trabalho apresentado à XXIII. Conferência Anual da International Association for Media and Communication Research (IAMCR), Barcelona, julho, 2002; e PORTO, Mauro P. *Making sense of politics: TV news and the interpretation of politics in Brazil*, trabalho apresentado à XXII Conferência Internacional da Latin American Studies Association (LASA), Miami, Estados Unidos, 16 a 18 de março de 2000.

enquadramentos interpretativos que podem ou não serem incorporados pela mídia. Sua análise busca identificar o predomínio de certos quadros interpretativos na mídia através da seguinte classificação:

1. *Restrito: quando apenas um enquadramento interpretativo sobre o tema é apresentado na notícia;*
2. *Plural-fechado: quando mais de um enquadramento interpretativo sobre o tema ou evento são apresentados pela notícia, mas são organizados em uma hierarquia na qual uma das interpretações é preferida sobre as demais ou apresentada como superior ou mais correta;*
3. *Plural aberto: quando mais de um enquadramento interpretativo sobre o tema ou relato são apresentados pela notícia, mas são tratados de forma mais indeterminada, sem que nenhuma interpretação seja privilegiada ou apresentada como a mais correta;*
4. *Episódico: quando nenhum enquadramento interpretativo é apresentado pela notícia que se limita a relatar algum tema ou evento (Porto, 2002: 05).*

Essa classificação resulta da forma como o jornalista – dentro de suas rotinas produtivas, dos constrangimentos organizacionais e da interação com as fontes - organiza hierarquicamente as diferentes subjetividades na construção do discurso noticioso. No caso do modelo “tradicional” das controvérsias interpretativas, essa análise se operacionaliza pelo estudo das “sonoras” que compõem as reportagens de um telejornal. Nesta pesquisa, faremos uma adaptação dessa proposta, à partir de uma análise das posições atribuídas às fontes (com ou sem “aspas”) utilizadas pelos jornalistas durante a montagem do texto.

#### 4 A escolha das fontes e a produção de quadros interpretativos: uma primeira abordagem do *corpus*

Durante o processo de construção da notícia, alguns atores têm acesso privilegiado à cobertura jornalística em decorrência de sua posição social como fontes “autorizadas” (Hall *et all*, 1993). Assim, ocupariam o papel de “definidores primários” (*primary definers*) no estabelecimento de quadros interpretativos sobre a realidade. Para Hall, esses definidores se originariam, sobretudo, do aparato de controle político e social. Contudo, durante nossa análise sobre os *primary definers* presentes na cobertura realizada pelo *Humanité*, verificamos a existência de atores provenientes sobretudo da esquerda política brasileira, conforme mostra a tabela 1:

	Data	Título	Editória	Autor	Fontes utilizadas
A1	20/06	Ça Tangué autour de Lula	Monde	Bernard Duraud	Roberto Jéferson (ex-deputado petebista, cassado), José Genoíno (ex-presidente do PT), José Dirceu (ex-presidente do PT, ex-Ministro da casa civil e deputado cassado)
A2	12/07	Lula, mise à l'épreuve	Monde	B. Duraud	sem fonte
A3	13/07	Lula se ressource à Paris	Monde	B. Duraud	sem fonte

Tabela 1: Fontes utilizadas pelo jornalista na construção de composição do seu “quadro interpretativo”. As declarações que não faziam menção à crise no governo Lula foram excluídas da análise.

	<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Editoria</b>	<b>Autor</b>	<b>Fontes utilizadas</b>
A4	15/07	L'homme du jour Luiz Inácio Lula da Silva	Ripostes	Cyrille Poy	Lula, Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), Jorge Ben Jor (cantor e compositor)
A5	12/08	Lula épargné par le scandale	Monde	David Samson	sem fonte
A6	31/08	Impossible refondation du Parti des travailleurs?	Monde	D. Samson	Tarso Genro (ex-ministro da educação exerceu, durante certo período, o cargo de presidente do PT, Raul Pont (ex-prefeito de Porto Alegre), Lula, Fernando Henrique Cardoso (ex-presidente da República) e MST.
A7	12/10	Brésil Remous au sein du Parti des travailleurs	Monde	–	Raul Pont, “Outros Candidatos”*
A8	05/11	Paroles d’emis troublés	Monde	B. Duraud	Oded Grajew (um dos organizadores do FSM), José de Filippi Junior (prefeito de Diadema), Kjeld Jacobsen (ex-dirigente da CUT),

Continuação da tabela 1: Fontes utilizadas pelo jornalista na construção de composição do seu “quadro interpretativo”. As declarações que não faziam menção à crise no governo Lula foram excluídas da análise.

\*Refere-se a um grupo candidatos à presidência do PT, que faziam oposição à corrente *Articulação*, majoritário dentro do PT e a qual fazem parte o presidente Lula, o ex-Ministro José Dirceu e o atual presidente do partido Ricardo Berzoini.

Essa sobrevalorização das fontes “não-autorizadas” evidencia os limites de se pensar a produção midiática em termos de sua subserviência com relação ao poder, como sugere o modelo proposto por Hall. Na verdade a maior parte das fontes utilizadas, se encontram distantes das esferas do governo petista, na medida em que ocupam uma posição secundária dentro da esquerda brasileira. São fontes ligadas aos movimentos sociais (MST; Oded Grajew), sindicais (Kjeld Jacobsen) e grupos políticos considerados minoritários no interior Partido dos Trabalhadores (Tarso Genro, Raul Pont, José de Filippi Junior).

A ênfase dada a esses personagens explica-se, em parte, pelos constrangimentos de tempo subjacentes às rotinas profissionais dos jornalistas (Sousa, 2000; Hall, 1993; Schlesiner, 1993), que induzem os jornalistas a recorrerem a fontes mais acessíveis – no caso do *Humanité*, antigos companheiros comunistas. Uma segunda explicação, estaria na seleção de atores que correspondem aos marcos interpretativos condizentes com o discurso veiculado pelo jornal. Na verdade, ao analisarmos os modelos de enquadramento veiculados, sob a perspectiva das controvérsias interpretativas, percebemos claramente a construção de um marco interpretativo hegemônico, ao identificarmos a ausência de matérias organizadas à partir do modelo plural-aberto (tabela 02):

<b>Matéria</b>	<b>Enquadramento</b>
A1	Plural Fechado
A2	Episódico
A3	Episódico
A4	Plural fechado
A5	Episódico
A6	Plural Fechado
A7	Restrito
A8	Restrito

Tabela 2: Classificação das reportagens publicadas no *Humanité*, segundo o enquadramento adotado em relação ao governo Lula (modelo das “controvérsias interpretativas”)

## 5 Aprofundando análise: as representações veiculadas pelo *Humanité*

Essa primeira aproximação com objeto nos permitiu identificar como a cobertura se estrutura a partir das escolhas feitas pelos jornalistas em torno dos enquadramentos adotados e das fontes de informação utilizada. Essa abordagem, contudo, não nos permite concluir se essas escolhas resultaram numa cobertura favorável ao presidente Lula e ao PT. Nesse sentido, parece importante partir para uma análise mais aprofundada do nosso *corpus* de forma a compreender melhor o conteúdo dos quadros apresentados.

## 6 Culpados e inocentes

Seja nas escolhas das fontes, seja no discurso do repórter, a cobertura do *Humanité* busca interpretar os eventos da crise, atribuindo responsabilidades a diferentes atores sociais. Assim, o presidente Lula será visto como um personagem alheio à crise, sem uma responsabilidade direta com os escândalos de corrupção:

*A1: E Jefferson, um aliado de Lula no seio da coalizão governamental, havia lançado [a denúncia] em tom de ameaça: José Dirceu, se você não sair daí, você vai fazer de um bom homem [Lula] um acusado*<sup>11</sup>.

*A5: No entanto, até o momento todos se preocupam em inocular Lula, ao passo que a “operação pente fino”, aquela em foram submetidas suas contas bancárias e sua agenda, não resultou em nada. Jefferson disse que o esquema de propina terminou assim que Lula foi informado em janeiro de 2005. Assim Lula, que segue popular, continua a governar e a preparar a eleição presidencial de 2005*<sup>12</sup>.

Através das falas das fontes à esquerda do governo Lula, o *Humanité* busca construir uma imagem de degeneração de certos quadros do PT que, estando no poder, passam a adotar práticas de administração essencialmente “burguesas”. Assim, percebemos uma ênfase na necessidade de refundar o partido em meio à crise, refutando as alianças feitas junto a facções políticas conservadoras e propondo uma alternativa “socialista” aos problemas de corrupção:

*A6: O movimento dos sem-terra se diz “perplexo” diante da retomada pelo PT de uma “prática” tradicional da direita” e a reafirmar a sua autonomia em relação aos Partidos e ao Estado, sublinhando a importância do movimento social e a necessidade de construir um “projeto” coletivo para o Brasil*<sup>13</sup>.

*A8: Face à corrupção, Jacobsen parece lamentar uma re-*

<sup>11</sup>Livre tradução de : Et Jefferson, un allié de Lula au sein de la coalition gouvernementale, avait lancé sur le ton de la menace: “ José Dirceu, si vous ne sortez pas de là, vous allez faire d’un homme bon [Lula] un accusé ”.

<sup>12</sup>Livre tradução de: Cependant, jusqu’ici tout le monde a pris soin d’innocenter Lula, tandis que l’“ opération peigne fin ” à laquelle ont été soumis ses comptes bancaires et son agenda n’a rien donné. Jefferson a dit que les pots-de-vin avaient cessé dès que Lula en a été informé en janvier 2005. (...) Aussi Lula, qui reste populaire, continue-t-il à gouverner et à préparer l’élection présidentielle de 2006.

<sup>13</sup>Livre tradução de: Le Mouvement des sans-terre s’est dit, quant à lui, “ perplexe ” devant la reprise par le PT d’une “ pratique traditionnelle de la droite ” et a réaffirmé son autonomie par rapport aux partis et à l’État, soulignant

*forma política que não teve lugar. Esta era a única maneira de por fim às práticas 'ilegais' seculares que vem sendo feitas desde a colonização. Lula, de certa forma, pode pagar a conta 'pelas alianças contra a natureza'. A falta de fidelidade e a fome pelo poder complicam seriamente o jogo político*<sup>14</sup>.

A partir daí a crítica se estende à política econômica adotada pelo governo Lula, de forma a associar os escândalos de corrupção ao abandono dos ideais socialistas pelo PT. Verifica-se esse tipo construção na fala das fontes selecionadas, como pelo discurso autoral do jornalista:

*A4: Mas, para além dos escândalos, é a política social e econômica que é largamente criticada, notadamente pelos partidários do Movimento dos Sem Terra e os pobres que contribuíram amplamente à sua eleição [de Lula]. Hoje, eles fazem parte dos marginalizados pelo governo de Lula, enquanto os meios abastados se mostram mais satisfeitos pela boa saúde da economia brasileira*<sup>15</sup>.

*A4: É uma honra ter um presidente operário que conseguiu tirar as elites do poder ”, declarava quarta-feira à noite o cantor Jorge Ben Jorge. Ele tem razão, mas se trata atualmente de alimentar o povo*<sup>16</sup>.

*A7: O debate interno [do PT, por ocasião das eleições do*

---

l'importance du mouvement social et la nécessité de construire un “ projet ” collectif pour le Brésil.

<sup>14</sup>Face à la corruption, Jacobsen semble regretter une réforme politique qui n'a pas eu lieu. C'était là la seule façon de mettre fin à des pratiques “ illégales ” séculaires ayant cours pratiquement depuis la colonisation. Lula dans une certaine mesure risque de payer comptant “ des alliances contre nature ”

<sup>15</sup>Livre tradução de: Mais, au-delà des scandales, c'est sa politique sociale et économique qui est largement critiquée, notamment par les partisans du Mouvement des sans-terre et les pauvres qui ont largement contribué à son élection. Aujourd'hui, ils font partie des déçus de la présidence Lula, quand les milieux aisés se montrent eux plutôt satisfait, par la bonne santé de l'économie brésilienne.

<sup>16</sup>Livre tradução de: “ C'est un honneur d'avoir un président ouvrier qui a réussi à renverser les élites ”, déclarait mercredi soir le chanteur Jorge Ben Jor. Il a raison, mais il s'agit maintenant de nourrir le peuple.

*novo presidente] não se coloca apenas sob a questão ética do partido, mas também sobre a política de austeridade orçamentária conduzida pelo governo Lula e as altas taxas de juros praticadas pelo banco central*<sup>17</sup>.

A7: “*Eu não compreendo como essa política oriunda da escola neoliberal pode ser defendida por nosso partido e apresentada como modelo ideal para a economia do país*”, declarou Raul Pont, o candidato da ala esquerda do PT<sup>18</sup>.

Dentro dessa preocupação, percebe-se uma tentativa de separar a crise na administração petista de um projeto socialista de governo. Para resguardar a utopia de *gauche* das decepções da realidade política, o *Humanité* buscar associar os escândalos de corrupção à gestão neoliberal da economia pelo PT. Essa associação pretende promover uma espécie de pacificação junto aos leitores, na medida que inverte a relação de inocentes e culpados no contexto da crise brasileira, atribuindo às *práticas tradicionais da direita* e à *política oriunda da escola neoliberal* a responsabilidade pela crise política. Assim, o *Humanité* fornece ao público um quadro explicativo que lhe permite continuar acreditando no socialismo, a despeito do “fracasso” da administração petista no Brasil. Foi a forma encontrada pelo jornal de resolver o dilema apresentado pela crise no governo Lula.

## 7 Conclusão

O presente artigo dedicou-se a uma breve análise da cobertura sobre a crise política no governo Lula pelo cotidiano francês *l'Humanité*. Buscamos fundamentar nossa compreensão sobre a produção de notícias à partir de uma abordagem construcionista

<sup>17</sup>Livre tradução de: le débat interne ne porte pas seulement sur l'éthique du parti, mais aussi sur la politique d'austérité budgétaire menée par le gouvernement Lula et les taux d'intérêts élevés pratiqués par la banque centrale.

<sup>18</sup>“ Je ne comprends pas comment cette politique issue de l'école néolibérale peut être défendue par notre parti et présentée comme modèle idéal pour l'économie du pays ”, a déclaré Raul Pont, le candidat de l'aile gauche du PT.

da prática jornalística. Amparados nesse arcabouço, foi possível estabelecer as seguintes conclusões:

1. Longe de retratar um realidade objetiva o *Humanité* buscou fornecer aos seus leitores quadros interpretativos sobre a crise política no Brasil. Funcionou, portanto, como agente na construção de uma realidade social que pode ou não ser aceita pelo leitor;
2. A angulação adotada pelo jornal deriva de uma interação entre as escolhas pessoais dos jornalistas, o discurso veiculado pelas fontes e a linha editorial adotada pelo *Humanité* no contexto da imprensa francesa;
3. Nossa primeira abordagem sobre os enquadramentos utilizados no decorrer da cobertura mostrou uma predominância de quadros restritos ou fechados, construídos a partir de fontes majoritariamente provenientes da esquerda política.
4. Essa seleção de fontes à esquerda não implicou numa cobertura favorável ao governo petista. Pelo contrario buscou resguardar o socialismo, enquanto ideologia universalizante, da crise política no Brasil. Estratégia que se constrói pela construção de quadro interpretativo em que o que busca desvincular o governo Lula da “verdadeira esquerda”, tachando-o como incapaz de corresponder às expectativas criadas em torno da sua administração. Para o *Humanité*, a crise política no Brasil representa um “castigo” recebido pelo governo por essa “traição”. A “Refundação do partido dos trabalhadores”, título de uma das reportagens do *Humanité*, não é apenas uma reformulação ética mas, sobretudo, ideológica.

Assim, o *Humanité* resolve seu dilema retomando uma antiga noção gramscianiana em que situa o verdadeiro projeto socialista enquanto processo de “catarse política”, busca superar os interesses corporativos do cotidiano político – o interesse do PT em se

manter no poder, por exemplo – em direção a uma consciência universal e universalizante.

## 8 Bibliografia

- CORREIA, João Carlos (1995). *O Poder do Jornalismo e a Mediatização do Espaço Público*. Biblioteca on-line das Ciências da Comunicação, acessado em: 14/04/2003 - [http://bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=jcorreia-poder-jornalismo.html](http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=jcorreia-poder-jornalismo.html).
- COURBON, Alexandre (2004). 'L'Humanité, du Socialisme au Communisme'. In: DELPORTE, Christian; PENNETIER, Claude; SIRINELLI, Jean-François et WILIKOW, Serge. *L'Humanité de Jaurès à nous jours*. Paris, Nouveau Monde Éditions, pp. 59-73.
- COUTINHO, Carlos Nelson (1989). *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro, Campus.
- DELPORTE, Christian (2004). 'L'Humanité, un siècle d'existence'. In: DELPORTE, Christian; PENNETIER, Claude; SIRINELLI, Jean-François et WILIKOW, Serge. *L'Humanité de Jaurès à nous jours*. Paris, Nouveau Monde Éditions, pp. 11-18.
- EUNO, Patrick (2004). 'L'Humanité, une entreprise politique'. In: DELPORTE, Christian; PENNETIER, Claude; SIRINELLI, Jean-François et WILIKOW, Serge. *L'Humanité de Jaurès à nous jours*. Paris, Nouveau Monde Éditions, pp. 199-210.
- GOFFMAN, Erwing (1991). *Les cadres de l'expérience*. Paris: Les Editions de Minuit.
- HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian (1993). "A produção social das notícias: o mugging nos media". In: Traquina, Nelson. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, pp. 224-248.

- MOLOTCH, Harvey e LESTER Marilyn (1993). 'As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico dos acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos'. In: TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: Questões, teorias, estórias*. Lisboa Vega, pp. 34-51.
- MOTTA, Luiz Gonzaga (2005). 'The opposition between media-centric and sociocentric paradigms'. *Brazilian Journalism Research*, vol 1, n° 1, pp.61-86.
- PORTO, Mauro P. (2004). 'A TV e o primeiro turno das eleições presidenciais de 2002 : A influência do Horário Eleitoral e do Jornal Nacional na decisão de voto'. *Paper* apresentado ao IV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Ciência Política. Rio de Janeiro.
- PORTO, Mauro P. (2002) *Framing the world of politics: how governmental sources shape the production and the reception of TV news in Brazil*, trabalho apresentado à XXIII. Conferência Anual da International Association for Media and Communication Research (IAMCR), Barcelona.
- RIEFFEL, Remy (2005). *Que sont les medias? Pratiques, identités, influences*. Paris: Gallimard.
- SAITTA, Eugénie (2004). 'L'Humanité, de l'organe de parti au journal communiste: 1999-200. In: DELPORTE, Christian; PENNETIER, Claude; SIRINELLI, Jean-François et WILKOW, Serge. *L'Humanité de Jaurès à nos jours*. Paris, Nouveau Monde Éditions, pp. 229-243.
- SCHLENSIGER, Philip (1992). 'Repenser la sociologie du journalisme: Les strategies de la source d'information et les limites du média-centrisme'. *Reseaux*, n° 51. Paris: Cenet, pp. 75-78.

SCHLENSIGER, Philip (1993) 'Os jornalistas e sua máquina do tempo'. In : TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: Questões, teorias, estórias*. Lisboa (Portugal) Vega, pp.177-190.

SOUZA, Jorge Pedro (2000). *As notícias e os seus efeitos*. Coimbra, Portugal, Minerva.

TRAQUINA, Nelson (2001). *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Ed. Unisinos.